

Lutzeberger: desgoverno vende a Amazônia

□ Agrônomo e ecologista, José Lutzeberger, ganhador do Prêmio Reight Lifehood, passou por Brasília fazendo um alerta contra o que ele considera a real internacionalização da Amazônia

Maria do Rosário Coetaneu

Não tenho mais vida privada. Vocês não acham que tenho direito de descansar? Quem falou de minha estada aqui? Quem os chamou? Eu não aguento mais!"

Este desabafo, em tom raivoso e enérgico, foi feito pelo agrônomo José Lutzeberger, 62 anos, gaúcho de Porto Alegre, filho de alemão e brasileiro, um dos mais respeitados ecologistas do país, detentor do Prêmio Reight Lifehood, espécie de Nobel alternativo, que lhe foi outorgado recentemente por organismo europeu.

Os repórteres e fotógrafos, porém, não se renderam à força de sua bronca. Insistiam em fazer a "quinta ou sexta reportagem do dia". Eram dez horas da manhã e Lutzeberger havia começado sua maratona às seis. Cansado de tanto ouvir perguntas sobre a "internacionalização" da Amazônia, ele resolveu ir passear pelos bosques da Granja do Ipê, hoje sede Fundação da Cidade da Paz. Enquanto caminhava, porém, foi surpreendido pelos fotógrafos. Deixou-se fotografar ao lado da cachoeira da granja e no meio do mato. Mas aproveitou a invasão de sua intimidade para armazenar a munição necessária à bronca que queria dar — e deu.

Respondeu às primeiras perguntas nervoso e irritado. A medida, porém, que mergulhava em sua paixão maior — a defesa da natureza — ia se tornando calmo e atencioso.

— Mesmo sob o rigor dos regimes autoritários, o senhor sempre gritou contra os destruidores da natureza, no Brasil, dando, inclusive "nome aos bois". O que lhe dá esta coragem?

— Durante toda minha vida, sempre falei o que pensava. Quando uma coisa me preocupa e vejo que posso contribuir para uma mudança digo tudo que deve ser dito. Frente a problemas de tal natureza, minha vida vale pouco. Fico bravo, nervoso, irritado, quando vejo pessoas em posição de poder e que, por isso, não se atrevem a falar, a denunciar, temendo perder a carreira. Por estas pessoas, tenho enorme desprezo.

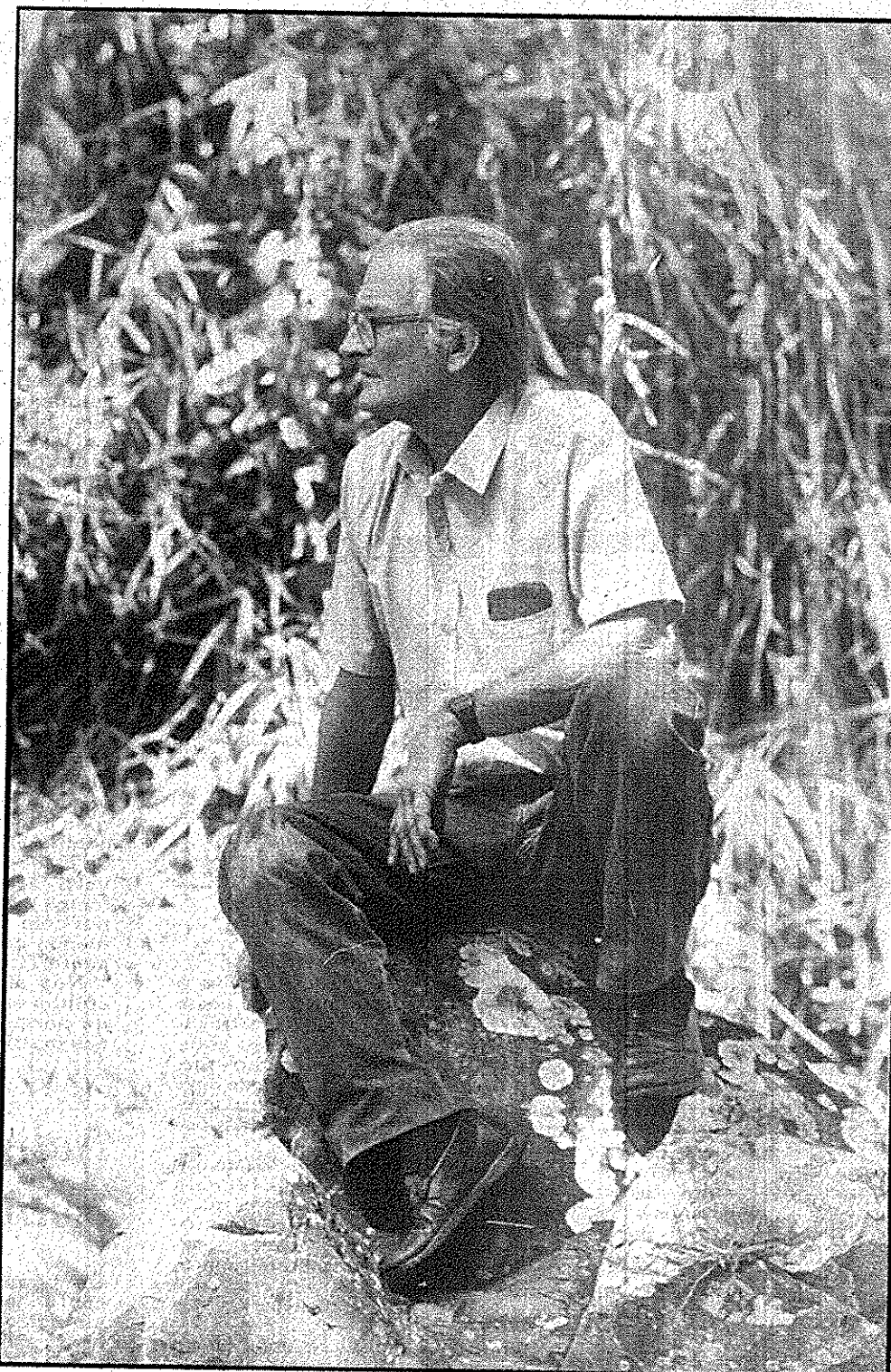
— Como se formou, no senhor, esta consciência ecológica? Foi uma descoberta da maturidade, ou veio do seio familiar?

— Desde criança me sentia naturalista, pois já dialogava com a natureza e tinha veneração por ela. Já adulto, descobri que eu nunca seria um simples biólogo, um mero engenheiro agrônomo. Meu pai, um alemão que fugiu da Primeira Grande Guerra, era um artista sensível, um pintor de excepcional capacidade de percepção das harmonias da natureza. Quem sabe perceber harmonias e belezas jamais será agressivo. Uma agressão à natureza faz a gente sentir dor na própria pele. Dói muito ver o que vi, quando regressava, de avião, do encontro de povos indígenas, em Altamira.

— E o que o senhor viu?

— Vi o resultado da ação da "moderna" sociedade industrial, que prega e pratica a filosofia do saque e da rapinagem. E esta prática não está à vista apenas no território brasileiro. Está em todos os sistemas vivos: na África, na Ásia, na América do Norte. Na Amazônia, esta rapinagem está em evidência por ser feita em escala maior e mais visível.

— O senhor costuma dizer que há três grandes religiões no mundo moderno: o cristianismo, o islamismo e o "tecnocrático". O que praticam os adeptos da "religião tecnocrática"?



JOSÉ LUTZEMBERGER
A sociedade industrial pratica a filosofia da rapinagem

— Eles praticam um esquema suicida, ou seja, o viver da rapina. Os nossos tecnocratas — símbolo máximo do desgoverno que temos aqui — olham o Planeta e enxergam apenas um montão de recursos que estão na face da terra para serem explorados. Então decidem que é preciso explorá-los, esbanjá-los, botá-los para fora. E os seres vivos? Estes não entram nos planejamentos dos tecnocratas. Se estes descobrem que uma montanha contém certos minérios — como é o caso de Carajás — a ordem é demolir esta montanha o mais rápido possível e transformá-la em divisas. Estes "planejadores" não levam em conta que a Terra é um planeta, é um organismo vivo. Sob o domínio filosófico e religioso deste tipo de gente, o planeta Terra será demolido.

— Mas parece que agora está havendo uma grita internacional contra este estado de coisas. Pelo menos, em relação à Amazônia.

— Felizmente um número crescente de pessoas aqui e no mundo inteiro está se dando conta do absurdo e da característica suicida desta filosofia, desta doutrina que embasa a "moderna" sociedade industrial. E tenho esperança de que esta movimentação global que está se processando em defesa das florestas tropicais úmidas seja apenas o começo de uma nova consciência da Humanidade em relação à Natureza.

— Por que o Primeiro Mundo voltou os olhos para o Brasil?

— Porque entendeu que há duas guerras em processo e que ambas devem ser

resta, que significam genocídio para tribos indígenas, que marginalizam caboclos e seringueiros, deviam envergonhar nossos dirigentes. Mas não. Eles não se envergonham do dinheiro que pediram emprestado ao exterior para a retirada de madeira da área de Tucuruí. Aliás, a madeira nem foi retirada, gerando o Escândalo Capemi. A energia desta usina é entregue a preços subvencionados a grandes empresas mineradoras e exportadoras de metais, que por sua vez foram montadas com subsídios fiscais e isenção de pagamento de imposto por dez anos. Estes metais são exportados a baixo preço. Frente a tal quadro, eu me pergunto: quem está internacionalizando a Amazônia?

— O que fazer para que um discurso de aparência nacionalista não escamoteie a gravidade da questão?

— Denunciar. Há dez anos que denúncia em fóruns internacionais o que está acontecendo na Amazônia. Há dez anos que denuncio que internamente nosso país está sendo alienado, roubado de seus verdadeiros donos — os amazônidas — que são os índios, os caboclos, os seringueiros e a reduzida população urbana da Amazônia. E esta alienação do país está se processando num esquema de clientelismo indecente. Seus responsáveis são gente, isto sim, gente irresponsável, que está marginalizando os habitantes da floresta e transformando grandes áreas em pastos, num esquema que só funciona subsidiado.

— Mas se estes projetos não dão retorno econômico, por que são mantidos?

— Porque estamos sob um desgoverno total. A produção das fazendas de gado da Amazônia é ridícula e escandalosamente baixa. A produção de carne não passa de 40/50 quilos por hectare/ano. Compare-se este dado à produção de carne numa propriedade agrícola orgânica no norte da Europa, em clima frio, com quatro meses de neve/ano: ela se aproxima de 600 quilos por hectare/ano, além de render de três mil a cinco mil litros de leite no mesmo hectare. Nas fazendas de gado da Amazônia, nem se produz leite. Se a floresta permanecer em pé, alimentará mais gente com seus frutos tropicais (castanhas, seringueira, palmeiras, caça, pesca, etc) do que com o reduzido fruto de seus projetos subsidiados. Estas tristes fazendas da Amazônia nem emprego produzem, pois em geral empregam apenas um peão para cada três mil a cinco mil reses. Para sustentar este tipo de fazenda, o Brasil cobra um dos mais altos impostos do mundo, um imposto que se aproxima da Escandinávia. Só que, lá, estes impostos se reverterem em benefícios para todos os cidadãos e não para "os clientes do Governo".

— O senhor acredita que a grita do Primeiro Mundo em defesa da Amazônia vai surtir efeito?

— Vai, porque os norte-americanos e europeus estão pressionando seus parlamentares e governantes para que impeçam o financiamento de projetos que são verdadeiros saques à Natureza e aos nativos das regiões devastadas. As pressões que nosso desgoverno está sentindo agora — e registre isto com todas as letras — não se originam na tecnocracia dos países do Primeiro Mundo. Elas surgiram do movimento ambientalista. Então, é totalmente absurdo e anacrônico dizer que estes países já destruíram suas florestas e agora querem tomar conta da nossa. Não, os ecologistas que estão pressionando seus governantes não destruíram florestas nem querem se apossar das dos outros.

— Por que o MDA (Movimento de Defesa da Amazônia) que se articulou em todo o território nacional no final dos anos 70, em luta contra o Projeto Jari (então propriedade de Daniel Ludwig) não conseguiu igual ressonância?

— Porque o nosso desgoverno era surdo deste ouvido. Não adiantava gritar em defesa da natureza. Fui militante do MDA e cansei de fazer palestras e denúncias. Não teve jeito. Qual foi, então, a solução? Gritar lá fora. Agora sim, sob a pressão do Primeiro Mundo, parece o nosso desgoverno está tirando a cera do ouvido.

debeladas. A primeira é a da corrida armamentista, que, oxalá, parece está chegando ao fim. Mas a guerra que vem demolindo o mundo vivo e natural estava em segundo plano. Agora está em primeiro. A luta em defesa das florestas tropicais úmidas é a luta que pretende acabar com o antagonismo entre a espécie humana e a Natureza.

— O Governo brasileiro vem questionando a grita internacional contra a devastação da Amazônia com um argumento nacionalista. Por trás do interesse preservacionista estaria um interesse maior: tomar o território amazônico do Brasil.

— Primeiro, não há governo no Brasil, há desgoverno. Vou lhes dar uma imagem que me parece clarear a situação: se o meu vizinho incendiar a sua casa e ameaçar queimar a minha, eu vou brigar com ele, vou fazer força para que crie juízo. Não tenho, porém, a mínima intenção de ficar com a casa dele.

— Mas a opinião pública acaba ficando a favor de uma bandeira nacionalista: a Amazônia é nossa!

— Deveria ser nossa, mas, infelizmente, não vem sendo assim. O que estamos vendo, a cada dia, é a Amazônia ser internacionalizada por um desgoverno total. Quando se constrói com dinheiro vindo de empréstimos estrangeiros — consequência: aumento de nossa dívida externa — barragens gigantes e projetos movidos a gordos subsídios, estamos internacionalizando a Amazônia. Estas barragens gigantes que invadem milhares de quilômetros quadrados de flo-